

Lula: o 119 Dom Quixote

RICARDO MIRANDA

DA EQUIPE DO CORREIO

Rio de Janeiro – Auto-intitulando-se um Dom Quixote da economia mundial, o personagem de Cervantes que via monstros no lugar de moihos de vento, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez ontem uma ode ao consumo. Afirmou que só o otimismo das pessoas e, conseqüentemente, a fé na economia, a permanência dos gastos e a geração de mais empregos podem salvar o país de cair na depressão global. Criticando os “alarmistas de plantão”, gente que, segundo ele, delira ao torcer pela derrocada do país, garantiu que o Brasil não vai quebrar e que é preciso transformar “catástrofe em oportunidade” para que o país possa “sair deste momento por cima da carne seca”.

O discurso, curiosamente, foi feito para uma platéia de artistas e intelectuais, no Centro do Rio, durante o anúncio de criação do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), que prevê R\$ 74 milhões de investimentos para o setor em 2009. Informal e desbocado, Lula foi interrompido a todo o momento por aplausos e arrancou risos da seleta platéia ao dizer que o mercado estava agindo como um adolescente que volta pra casa do pai que desprezou — o Estado — depois de uma dor de barriga colossal. E corrigiu, escatológico: “Na verdade, uma diarreia braba”, comparou ele.

Por causa de seu otimismo, Lula disse que pediu a pelo menos dois grandes industriais que acreditassem mais no país. A um “presidente de federação comercial de um determinado estado”, propôs que, ao invés de divulgar o pessimismo do consumidor, fizesse campanhas para fazê-lo consumir mais. Ao presidente da Vale do Rio Doce, Roger Agnelli — que recentemente anunciou 1.300 demissões no mundo e colocou 5.500 funcionários em férias coletivas —, deu um conselho: não se limitar a vender apenas minério, mas beneficiar mercadorias, gerando “os empregos necessários e desenvolvimento tecnológico”.

Num dos momentos mais hilários do discurso, comparou o Brasil a um paciente internado no hospital e perguntou que tipo de notícia dariam a ele: sua recuperação “ou diria ao paciente ‘sifu’ (sic)?”, perguntou. Aos trabalhadores, Lula foi claro: gastem! Se têm dívidas, ok, quitem. Mas se têm reservas, comprem. “Ele (o consumidor) vai perder o emprego justamente por não comprar”, disse Lula. O presidente acrescentou que não cabe ao Estado gerenciar o mercado financeiro e que é imperioso que ele seja enquadrado para permitir que o mundo viva em torno de uma economia virtual e capital especulativo.